

3

A atuação da Área Industrial do BNDES na Região Centro-Oeste

ARTUR YABE MILANEZ

BERNARDO HAUCH RIBEIRO DE CASTRO

DIEGO NYKO

FERNANDA MENEZES BALBI

JOÃO PAULO PIERONI

JOB RODRIGUES TEIXEIRA JUNIOR

MAURICIO DOS SANTOS NEVES

RANGEL GALINARI

RICARDO RIVERA DE SOUSA LIMA

RESUMO

Este capítulo destaca alguns aspectos da atuação da Área Industrial do BNDES na Região Centro-Oeste. Optou-se por enfatizar a discussão prospectiva, uma vez que a elaboração de políticas de apoio ao desenvolvimento regional exige uma visão de futuro. O texto inclui temas que vão do setor cultural à tecnologia da informação, passando pela vocação inequívoca da região para o desenvolvimento do setor sucroenergético, que vem trilhando uma robusta trajetória de crescimento. Somam-se, ainda, a dinamização observada no setor de comércio e serviços e os investimentos realizados pelas indústrias tradicionais, configurando um quadro que ilustra a diversidade setorial do trabalho realizado pela Área Industrial.

ABSTRACT

This chapter focuses on some aspects of the efforts put forth by the BNDES' Industrial Division in the Central-West. Emphasis is on prospective discussions since designing support policies for regional development requires a vision of the future. The paper includes topics ranging from the cultural sector to Information Technology, as well as the region's clear vocation to develop the sugar-based energy sector, which has paved a path of robust growth. We also address the boom in the trade and services sector and the investments made by traditional industries, which provides an illustration of the sectorial diversity in the efforts carried out by the Industrial Division.

INTRODUÇÃO

A Área Industrial (AI) do BNDES pauta suas ações buscando conciliar a missão institucional do BNDES com a atuação em segmentos específicos da economia brasileira. Por meio de departamentos especializados em cadeias produtivas que extrapolam a definição de indústria de transformação,¹ essa área não só analisa projetos de investimentos de empresas que solicitam recursos financeiros ao BNDES, mas também adota uma postura

¹ A Área Industrial é dividida em sete departamentos, responsáveis por operações diretas das seguintes cadeias produtivas: (i) álcool e biocombustíveis; (ii) complexo industrial da saúde; (iii) bens de consumo, comércio e serviços; (iv) tecnologias da informação e comunicação; (v) economia da cultura; (vi) indústria metal-mecânica e de mobilidade; e (vii) indústria de bens de capital.

proativa, combinada com uma visão prospectiva dos setores que se encontram sob sua responsabilidade. Nesse sentido, a AI participa ativamente de políticas públicas e elabora linhas de financiamento que viabilizam o investimento em ativos estratégicos para o parque produtivo brasileiro. Ademais, fomenta o investimento das empresas, tendo como foco a agregação de valor ao produto nacional, a ampliação da capacidade de inovação, a geração de emprego, a adoção de práticas ambientalmente sustentáveis e a redução das desigualdades sociais e regionais.

Como parte de uma ampla reflexão a respeito da visão e da atuação do BNDES no tocante ao equacionamento da questão regional do Brasil, o presente capítulo analisa a contribuição da AI para o desenvolvimento econômico da Região Centro-Oeste, ressaltando não apenas suas ações recentes, mas também sua visão a respeito dos desafios e oportunidades com os quais a região se depara.

O trabalho contém duas seções, além desta introdução e das considerações finais. A primeira tem como ponto de partida um panorama geral da atuação da AI na Região Centro-Oeste, no qual as informações sobre desembolsos revelam sua contribuição para o adensamento industrial, a redução das desigualdades intrarregionais e a diversificação da matriz produtiva desse amplo espaço geográfico.

Essa seção conta também com divisões dedicadas a um detalhamento da atuação setorial da AI no Centro-Oeste. Além de analisar os determinantes do apoio do BNDES a atividades econômicas específicas, as tendências e potencialidades da região são avaliadas. Abordam-se o adensamento da cadeia produtiva de automóveis, o crescimento da indústria farmoquímica, as perspectivas para a formação de um polo de tecnologias de informação e comunicação no Distrito Federal, as oportunidades para as atividades comerciais e de serviços advindas do fortalecimento do mercado consumidor local, a atratividade da região

para a instalação de indústrias tradicionais, o apoio a projetos culturais e as potencialidades do ecoturismo na região.

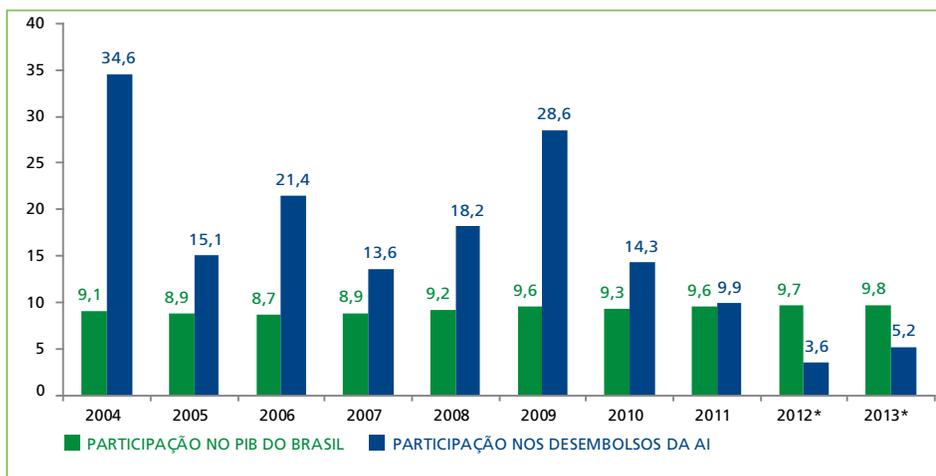
Embora o Centro-Oeste se encontre construindo as condições que poderão ser determinantes para a consolidação do processo de diversificação de sua matriz industrial, suas principais vantagens competitivas ainda são originadas dos ganhos de eficiência da produção agrícola local. Considerando esse fato, a segunda seção do presente capítulo é inteiramente dedicada às ações do BNDES para fortalecer um dos segmentos estratégicos do agronegócio da região: o setor sucroenergético. Destaca-se o apoio recente do BNDES à consolidação do Centro-Oeste como nova fronteira de expansão da cultura da cana-de-açúcar e da produção de bioetanol. O texto demonstra também a postura proativa da AI para a ampliação da competitividade setorial ao conceber produtos financeiros voltados ao fomento da produtividade e da inovação dos elos agrícolas e industriais da cadeia produtiva sucroenergética.

VISÃO GERAL DA ATUAÇÃO NO CENTRO-OESTE

Nos últimos dez anos, a AI concedeu financiamentos de cerca de R\$ 12,9 bilhões para empresas localizadas na Região Centro-Oeste do Brasil, com vistas a viabilizar projetos de implantação, expansão e modernização de empreendimentos industriais, comerciais e de serviços em seu território.² Como demonstra o Gráfico 1, a AI vem contribuindo para a missão do BNDES de reduzir as disparidades regionais do Brasil. Na maior parte dos anos do intervalo 2004-2013, a participação do Centro-Oeste no total desembolsado pela AI superou a participação dessa região no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro – em média, aquela suplantou esta em 7,2 pontos percentuais.

² Em função de modificações recentes da estrutura organizacional do BNDES, o Departamento de Agroindústria foi transferido para a Área de Agropecuária e de Inclusão Social (AGRIS). Dessa forma, no presente estudo, as estatísticas referentes aos desembolsos da AI não contam com os valores dos financiamentos concedidos à indústria de alimentos processados.

GRÁFICO 1 Participação da Região Centro-Oeste no PIB brasileiro e nos desembolsos da Área Industrial do BNDES entre 2004 e 2013 (em %)



Fontes: BNDES; IBGE (2013).

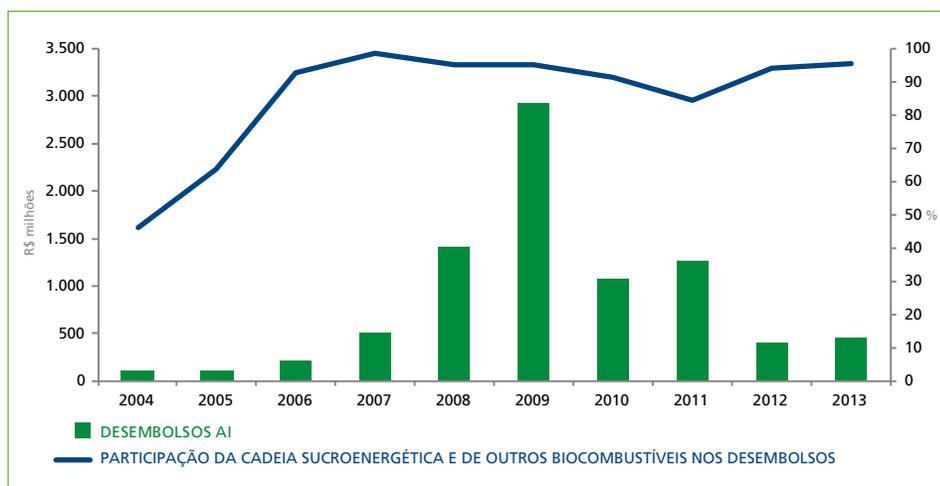
* Em função da indisponibilidade de dados, a participação regional no PIB de 2012 e de 2013 foi estimada.

Do total desembolsado no período, 37% foram destinados à ampliação de infraestrutura de telecomunicações, isto é, para empresas de telefonia fixa e móvel que operam na região. O restante foi utilizado por empresas dos demais ramos de atividade econômica sob a responsabilidade da AI. Ressalte-se que, ao contrário desses setores, cuja decisão de investir em uma região é baseada em fatores locais que contribuem para a competitividade de seus produtos no espaço geográfico regional, nacional ou internacional, a distribuição espacial dos investimentos das empresas de telecomunicação é, em grande medida, pautada por questões de ordem regulatória. Para retratar de maneira mais acurada os investimentos baseados em vantagens competitivas da Região Centro-Oeste, optou-se por prosseguir a análise excluindo o valor dos desembolsos para empresas de telecomunicação.

O Gráfico 2 apresenta os desembolsos anuais da AI para o Centro-Oeste no período 2004-2013, descontados os valores re-

lativos ao setor de telecomunicação. Os números não retratam tendências bem-definidas, mas sim flutuações típicas de ciclos de investimentos setoriais, haja vista a grande concentração dos desembolsos na cadeia sucroenergética e de outros biocombustíveis.

GRÁFICO 2 Evolução dos desembolsos da Área Industrial do BNDES para a Região Centro-Oeste*



Fonte: BNDES.

* Excluído para o setor de telecomunicações.

As informações vistas anteriormente revelam o apoio da AI a um importante *driver* do crescimento econômico recente do Centro-Oeste. Segundo dados da Pesquisa Industrial Anual (PIA) 2011, do IBGE, depois da fabricação de alimentos processados, a fabricação de biocombustíveis compõe o segmento mais importante da indústria de transformação da região, como demonstra o Gráfico 3.

O nível de detalhamento apresentado nas informações de desembolsos do BNDES é esclarecedor, porém insuficiente para representar as tendências de modificação do sistema produtivo da região, bem como as particularidades existentes em seu território. Para compensar essa falta, a Tabela 1 apresenta a dis-

tribuição dos desembolsos da AI por unidade da federação (UF) e setores selecionados. A riqueza desse exercício reside no fato de que os valores de financiamentos concedidos entre os anos 2004 e 2013 não só guardam correlação com a atual estrutura produtiva das distintas partes do território do Centro-Oeste, mas revelam também investimentos em setores que apresentam potencial de ganhar maior relevância econômica na região.

GRÁFICO 3 Valor da transformação industrial de segmentos da indústria de transformação da Região Centro-Oeste, 2011 (em R\$ milhões)



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Anual 2011.

Os dados da Tabela 1 evidenciam que a maior parte dos projetos da cadeia sucroenergética e de biocombustíveis financiados pela AI se localiza nos estados de Goiás e Mato Grosso do Sul, UFs onde a atividade se encontra em franca expansão. Interessante destacar que a atuação da AI também tem se mostrado relevante para a redução das desigualdades intrarregionais. Entre 2004 e 2013, a participação dos estados de Goiás e Mato Grosso do Sul nos desembolsos da AI para o Centro-Oeste superou a participação dessas UFs no PIB regional. Já o Distrito Federal, que responde por quase a metade do PIB da região, recebeu apenas 2,8% dos desembolsos.

TABELA 1 Distribuição intrarregional dos desembolsos da Área Industrial em setores selecionados, participação das UFs nos desembolsos e no PIB regional – 2004 a 2013 (em R\$ milhões)

Setor	Distrito Federal	Goiás	Mato Grosso do Sul	Mato Grosso	Região Centro-Oeste
Cadeia sucroenergética e de outros biocombustíveis	-	4.098	3.107	259	7.465
Comércio e outros serviços	186	149	22	76	434
Fabr. prod. farmoquímicos e farmacêuticos	-	90	-	-	90
Indústrias tradicionais de bens de consumo	3	0	6	59	69
Fabricação de máquinas e equipamentos	-	-	41	-	41
Tecnologias de informação e comunicação	40	0	-	0	40
Total UF e região	230	4.338	3.177	395	8.141
Part. UF nos desembolsos para a região (%)	2	53	39	4	100
Part. UF no PIB da região (%)	42	28	12	18	100

Fontes: BNDES; e IBGE (2013).

A Tabela 1 mostra também que no Distrito Federal a maior parte dos financiamentos foi direcionada a atividades comerciais e de serviços – o que é compreensível, dado o caráter essencialmente urbano da ocupação dessa UF, bem como sua vocação natural para o desenvolvimento de atividades terciárias. Por outro lado, como será visto mais detalhadamente, os fatores que determinaram os investimentos desses segmentos no DF também influenciaram o crescimento de atividades terciárias em outros estados da região.

Os dados revelam ainda o apoio da AI a um segmento que apresenta grande potencial de se desenvolver e promover a inovação via serviços no Centro-Oeste: as tecnologias da informação e comunicação (TIC). Como será visto em uma subseção específica, algumas peculiaridades da economia do Distrito Federal podem ser interpretadas como favoráveis ao desenvolvimento de um novo polo de TIC no Brasil.

Por fim, a Tabela 1 mostra também o apoio da AI a projetos do polo farmacêutico de Goiás, bem como aos investimentos das indústrias tradicionais de bens de consumo. Conforme será discutido, esses setores têm contribuído para a criação de emprego, para o fortalecimento do mercado consumidor local e para a diversificação da estrutura produtiva de alguns espaços sub-regionais do Centro-Oeste.

Como adiantado, as próximas subseções estão reservadas a um detalhamento do apoio da AI a segmentos específicos da economia da região. Mais do que retratar ações pretéritas, essas subseções têm como diretriz enriquecer a análise por meio de um olhar de futuro. Para tanto, abordam não só os setores que a longa data são apoiados pelo BNDES na região, mas também os de desenvolvimento recente e os que ainda estão por se desenvolver.

Indústria automotiva

Ainda que com raízes no Sudeste do Brasil, a indústria automotiva tem passado por um movimento de descentralização. Na busca por redução de custos de produção, novas plantas têm sido construídas em outras regiões do país. No Centro-Oeste, um destaque especial se dá a Goiás.

O estado sedia quatro fábricas voltadas ao setor automotivo, sendo três delas pertencentes a empresas de capital nacional. O grupo brasileiro Caoa, que produz veículos comerciais leves sob licença da coreana Hyundai Motors, está instalado em Anápolis (GO), terceiro maior município do estado. O grupo brasileiro Souza Ramos também produz comerciais leves, mas sob licença da japonesa Mitsubishi, além de montar também um jipe da japonesa Suzuki. Está instalado em Catalão (GO) e, recentemente, abriu nova planta em Itumbiara (GO). Por fim, a empresa norte-americana John Deere produz colheitadeiras de cana e pulverizadores também em Catalão (GO).

Talvez se aproveitando da grande vocação ao agronegócio, Goiás tornou-se um polo produtivo importante em comerciais leves.³ A partir de 1998, quando a planta da Mitsubishi começou a operar, a participação na produção desses veículos cresceu em termos relativamente constantes até se estabilizar em torno de 10% da produção nacional. A Tabela 2 mostra essa evolução.

TABELA 2 Participação de Goiás na produção nacional de veículos comerciais leves (unidades)

Ano	Hyundai Caoa	Mitsubishi	Total	Produção nacional de comerciais leves	Participação goiana na produção nacional (%)
1998		652	652	247.044	0,3
1999		3.098	3.098	176.994	1,8
2000		6.252	6.252	235.161	2,7
2001		8.571	8.571	214.936	4,0
2002		9.743	9.743	179.861	5,4
2003		11.767	11.767	216.702	5,4
2004		18.011	18.011	318.351	5,7
2005		20.153	20.153	365.058	5,5
2006		20.171	20.171	379.213	5,3
2007	2.983	25.844	28.827	412.520	7,0
2008	11.268	37.203	48.471	459.135	10,6
2009	6.814	32.429	39.243	449.896	8,7
2010	24.777	37.558	62.335	583.074	10,7
2011	38.635	39.441	78.076	656.682	11,9
2012	25.568	37.353	62.921	663.081	9,5
2013	35.117	43.101	78.218	779.049	10,0

Fonte: Elaboração própria, com base em Anfavea (2014).

A grande participação de Goiás na produção de comerciais leves foi acompanhada de crescimento em emprego e renda no setor automotivo. Apesar de não disponível apenas para a Região Centro-Oeste, possivelmente em decorrência de problemas de sigilo da informação, dados de IBGE (2013) apontam que as regiões Norte e Centro-Oeste tiveram um incremento no pessoal ocupado bastante superior à média brasileira, como mostra o Gráfico 4.

³ Comerciais leves são os veículos Peso Bruto Total (PBT) de até 3,5 toneladas. Incluem desde picapes pequenas até vans, furgões e utilitários esportivos.

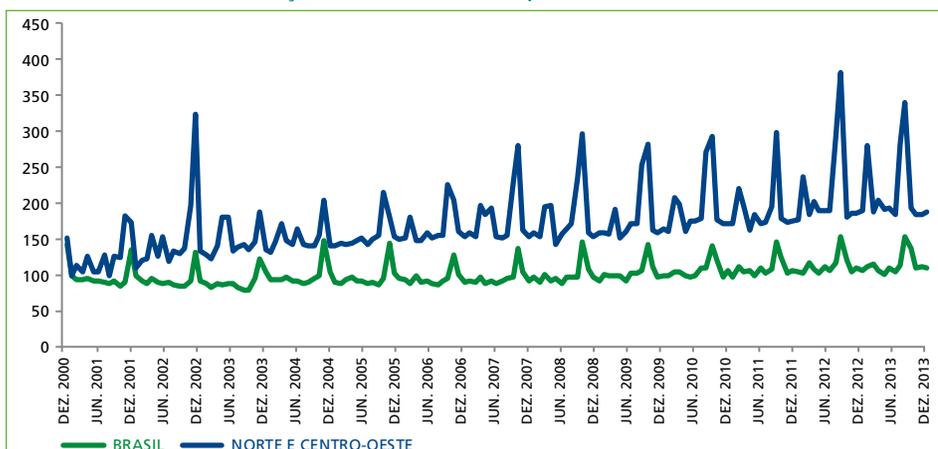
GRÁFICO 4 Variação do pessoal ocupado assalariado (fabricação de meios de transporte)



Fonte: Elaboração própria, com base em dados do IBGE – Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário. Índice de base fixa mensal sem ajuste sazonal (base: janeiro de 2001=100).

Quanto à folha de pagamento real por trabalhador, há também um descolamento entre as regiões Norte e Centro-Oeste e a média brasileira, conforme mostra o Gráfico 5.

GRÁFICO 5 Variação da folha de pagamento real por trabalhador (fabricação de meios de transporte)



Fonte: Elaboração própria, com base em dados do IBGE – Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário. Índice de base fixa mensal sem ajuste sazonal (base: janeiro de 2001=100).
Obs.: O IBGE não disponibiliza os dados com ajuste sazonal para esta variável.

INVESTIMENTOS RECENTES

O crescimento do setor automotivo no Centro-Oeste é notório e tem estimulado grandes investimentos das empresas ali instaladas. A Mitsubishi anunciou uma ampla modernização de sua planta em Catalão (GO), com uma nova linha de pintura e nova fábrica de motores, além da nacionalização dos modelos Lancer e ASX. A expectativa é de dobrar sua capacidade produtiva para 100 mil veículos por ano, com investimentos que podem chegar a R\$ 1,1 bilhão.

Conforme afirma Silva (2011)

a Mitsubishi do Brasil é a única empresa do grupo japonês que opera independentemente, sem a participação da matriz, que apenas fornece componentes para montagem dos veículos e recebe royalties pela transferência de tecnologia.

O Grupo Caoa investiu cerca de R\$ 600 milhões para a fabricação local do modelo ix35. Até então, fabricava o modelo Tucson e o caminhão HR, desde 2007, e o caminhão HD78, desde 2011. “Com isso, a capacidade produtiva total cresceu de 62 mil para 86 mil unidades/ano, 24 mil só do ix35, em dois turnos de trabalho”, como afirma Kutney (2013).

Os recentes investimentos não só mostram um potencial de aumento na participação das empresas do Centro-Oeste na produção brasileira, como também indicam uma mudança de perfil em decorrência de incentivos como o Programa BNDES Proengenharia e o Regime Automotivo (Inovar-Auto).

O Inovar-Auto estabelece redução de impostos para empresas que se comprometam a fabricar no Brasil e desenvolver atividades de pesquisa e desenvolvimento (P&D) e engenharia localmente. Já o BNDES Proengenharia prevê condições de financiamento especiais para empresas que desenvolvam tais atividades no Brasil.

As montadoras do estado de Goiás têm trabalhado na constituição de núcleos de engenharia em suas fábricas. Espera-se

que, com o passar dos anos, tais núcleos evoluam a ponto de ser possível projetar um veículo localmente.

Nesse sentido, no ano de 2014, o BNDES financiou os investimentos em engenharia local para a produção do modelo ASX pela Mitsubishi em Catalão (GO), no valor de R\$ 17,2 milhões.

O adensamento das atividades de engenharia e a nacionalização dos modelos devem se constituir em uma boa oportunidade para a instalação de fabricantes de autopeças, consolidando o polo automotivo na região.

Indústria farmacêutica

A Região Centro-Oeste é atualmente bastante representativa na oferta de produtos farmacêuticos no mercado brasileiro – o estado de Goiás é o segundo maior polo produtor de medicamentos genéricos do país, atrás apenas de São Paulo. A atração de investimentos foi induzida, basicamente, por incentivos fiscais criados ainda na década de 1980.

O principal destaque da região encontra-se no Distrito Agroindustrial de Anápolis (DAIA), em Goiás. Com a presença de mais de vinte laboratórios farmacêuticos, o polo responde por aproximadamente 30% do volume de unidades vendidas de medicamentos genéricos no Brasil e emprega diretamente mais de 8 mil pessoas. Mais recentemente, as principais empresas da região vêm atraindo a atenção das maiores farmacêuticas nacionais e multinacionais: em 2009, a Hypermarcas adquiriu a Neoquímica e a Pfizer comprou parte do Laboratório Teuto. Tais aquisições levaram um conjunto maior de investimentos para a região e atraíram um número expressivo de empresas de distribuição de medicamentos, que se utilizam do acesso logístico facilitado e dos incentivos fiscais ainda existentes.

Por sua vez, Brasília também tem buscado se tornar um novo polo para atração de empresas na área da saúde. A cidade já

possui uma unidade da União Química e recebeu, em 2013, a transferência de uma planta produtiva da Medley.

O BNDES possui mais de R\$ 90 milhões em operações contratadas com a indústria farmacêutica na Região Centro-Oeste. Os principais projetos foram voltados para o desenvolvimento de novos medicamentos genéricos e para a ampliação de capacidade produtiva, aproveitando o crescimento recente do mercado farmacêutico brasileiro, acima de dois dígitos, e a consolidação dos medicamentos genéricos como alternativa acessível ao consumidor. Duas operações de destaque nesse sentido foram realizadas com as empresas Neoquímica e Geolab.

Para os próximos anos, o BNDES tem como principal prioridade a ampliação dos investimentos em inovação nas empresas ligadas ao Complexo Industrial da Saúde brasileiro, fator fundamental para a elevação da competitividade da indústria nacional. Nesse contexto, a Região Centro-Oeste tem a oportunidade de realçar seu já relevante papel no mercado farmacêutico do país, adicionando a função de importante polo de desenvolvimento de novos medicamentos.

Tecnologias da informação e comunicação (TIC)

Do ponto de vista do formulador de políticas públicas, as TIC devem ser observadas sob dois prismas: o do uso das tecnologias de informação no setor produtivo e pela sociedade – gerando ganhos de produtividade, inclusão digital etc.; e das indústrias que produzem, desenvolvem e prestam serviços nesse setor – proporcionando investimentos diretos, empregos e adensamento produtivo e tecnológico.

Os serviços de telecomunicações têm forte relevância no primeiro desses papéis. Embora os desembolsos nesse segmento representem uma grande fatia dos recursos destinados pelo BNDES, estimulando o avanço da oferta de banda larga no Centro-Oeste, optou-se por não torná-lo objeto de análise desse documento

pelo fato de a motivação desses investimentos estar mais ligada a questões regulatórias do que ao papel indutor do BNDES.

Outrossim, dada a pungência do setor de agronegócios na região, também tem grande relevância a utilização das TIC como ferramenta de produtividade e qualidade no campo, seja no rastreamento de animais, na agricultura de precisão, na gestão de fazendas, seja em outras aplicações. Para apoiar a difusão de tecnologias como essas, o BNDES tem financiado a aquisição de tecnologias tanto por meio do Cartão BNDES como pelo Prosoft Comercialização.

No outro prisma – a oferta de bens TIC –, é possível segmentar as indústrias em três grandes áreas: (i) equipamentos (*hardware*); (ii) componentes (microeletrônica, *displays* etc.); e (iii) *software*.

A Região Centro-Oeste não tem tradição histórica nos dois primeiros segmentos, nos quais a produção, no país, se concentra nas regiões Sudeste, Sul e Norte (Zona Franca de Manaus). A construção de uma indústria de *hardware* e componentes se depara com barreiras de entradas não desprezíveis e, considerando o processo de concentração global produtiva, a pulverização de esforços no país, em um contexto de acirramento de competição global, não é desejável.

Por outro lado, a despeito do baixo desembolso do BNDES no setor de *software*, para além da oportunidade do agronegócio, há espaço para o fortalecimento da indústria local de *software* com vistas ao governo federal. A Região Centro-Oeste possui o segundo maior mercado de *software* e serviços de TI no Brasil em 2013 (13% do total em relação a 64% do Sudeste) [Abes (2012)], todavia respondeu por apenas 3% dos desembolsos do Cartão BNDES, entre 2004 e 2013, para financiamento à comercialização de *software*. Essa diferença se justifica em grande parte pelo tamanho da participação do governo federal no mercado total da região, considerando que o Poder Executivo não é usuário do Cartão BNDES.

A regulamentação do Poder de Compra Público (Lei 12.349/10) pelo Decreto 8.186/2014 abriu uma nova perspectiva para o setor. Por meio dessa base normativa, a aquisição de *software* e serviços de TI desenvolvidos no país pelas três esferas de governo passou a ter margem de preferência de até 18% em relação aos respectivos pares não desenvolvidos no Brasil. Segmentos como a segurança cibernética e *software* livre (no qual o governo federal representa mais de 70% do mercado brasileiro), por exemplo, são candidatos naturais de desenvolvimento da indústria no Centro-Oeste.

Indústrias tradicionais

Por razões históricas, atividades da indústria associada à produção agropecuária (sobretudo alimentos e bebidas) ainda representam mais da metade do valor adicionado pela indústria de transformação da Região Centro-Oeste, segundo dados do IBGE – PIA Empresa 2011. Com a expansão da fronteira agrícola para o Cerrado na segunda metade do século passado, a região criou as bases para a atração de investimentos em indústrias voltadas ao beneficiamento e à transformação de insumos produzidos pela agropecuária, contexto no qual surgiram importantes polos agroindustriais, como os de Rondonópolis (MT), de Rio Verde (GO) e de Anápolis (GO).

Em anos recentes, apesar de a dinâmica econômica da região ainda ser muito dependente do agronegócio, sua matriz industrial vem demonstrando tendência à diversificação. Além da implantação das indústrias automobilística e farmacêutica, o Centro-Oeste também tem se beneficiado do crescimento de alguns segmentos da indústria tradicional. Fatores como as políticas ativas de atração de investimentos, a oferta de mão de obra relativamente barata, a acumulação de capital proporcionada pelas atividades primárias e a consolidação do mercado consumidor local têm colocado parte do Centro-Oeste na rota do processo de

desconcentração espacial da indústria brasileira, como verificado por Sabóia (2013). Esse autor usa como exemplo a mesorregião leste do Mato Grosso do Sul (formada pelas microrregiões de Cassilândia, Parnaíba, Três Lagoas e Nova Andradina), cuja economia tem reduzido sua dependência da produção de *commodities* agroindustriais, dado o crescimento local de alguns segmentos da indústria tradicional, como a fabricação de produtos têxteis, de vestuário, de produtos de couro, de plástico etc.

Dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) ilustram bem o crescimento recente da indústria tradicional na região: entre os anos de 2002 e 2012, o emprego formal nos setores dedicados à fabricação de produtos têxteis, de calçados, de produtos de borracha, fumo e couro praticamente dobrou. Esses setores vêm se mostrando importantes para o Centro-Oeste não apenas pela geração de postos de trabalho, mas também por contribuir para a redução das desigualdades em seu território. Enquanto, no ano de 2002, um total de 41 municípios empregava pelo menos cem pessoas nessas indústrias, em 2012, esse número chegou a 75.

Como visto na segunda seção deste capítulo, a Área Industrial do BNDES tem apoiado esse processo. Nos últimos dez anos, desembolsou cerca de R\$ 70 milhões para projetos de instalação, expansão e modernização das indústrias tradicionais do Centro-Oeste.

Cabe destacar que, caso a região mantenha os incentivos que vem atraindo essas indústrias para seu território, nos próximos anos poderá se beneficiar das oportunidades de emprego que essas atividades tipicamente oferecem.⁴ No entanto, a manutenção desses benefícios demandará, em um futuro não muito distante, mais do que os tradicionais mecanismos de atração de

⁴ Por serem intensivas em trabalho, as indústrias tradicionais geralmente empregam um grande contingente de pessoas. Na Região Centro-Oeste, por exemplo, elas foram responsáveis por mais de 100 mil empregos no ano de 2012, segundo a Relação Anual de Informações Sociais (Rais).

investimentos são capazes de oferecer. Nesse momento, os investimentos em ativos intangíveis deverão, invariavelmente, constar na agenda do Centro-Oeste, e soluções como o Programa de Apoio a Investimentos em Design, Moda e Fortalecimento de Marcas (BNDES Prodesign) serão fundamentais.

Comércio e serviços

Apesar de a Região Centro-Oeste ser a menos populosa do país,⁵ o bom desempenho de seus indicadores socioeconômicos em anos recentes é sugestivo das oportunidades e potencialidades de investimentos em atividades comerciais e de serviços para o atendimento das crescentes demandas locais.

No período 2001-2010, o PIB do Centro-Oeste apresentou uma das maiores taxas de crescimento entre as grandes regiões brasileiras, superando também o desempenho da economia nacional – enquanto o PIB brasileiro cresceu, em média, a uma taxa de 3,6% a.a., o do Centro-Oeste cresceu 4,7% a.a. (Ipeadata). Além disso, a região vem apresentando sensível melhoria na redução da pobreza e na distribuição de renda: entre os anos de 2001 e 2012, sua taxa de pobreza⁶ passou de 25,2% para apenas 6,7%; sua renda domiciliar *per capita* cresceu 59% em termos reais e seu Índice de Gini passou de 0,598 para 0,531, segundo informações do Ipeadata. Um dos efeitos dessa melhoria de condições sociais na região foi o crescimento do poder de compra da população e, por conseguinte, a dinamização do mercado consumidor local.

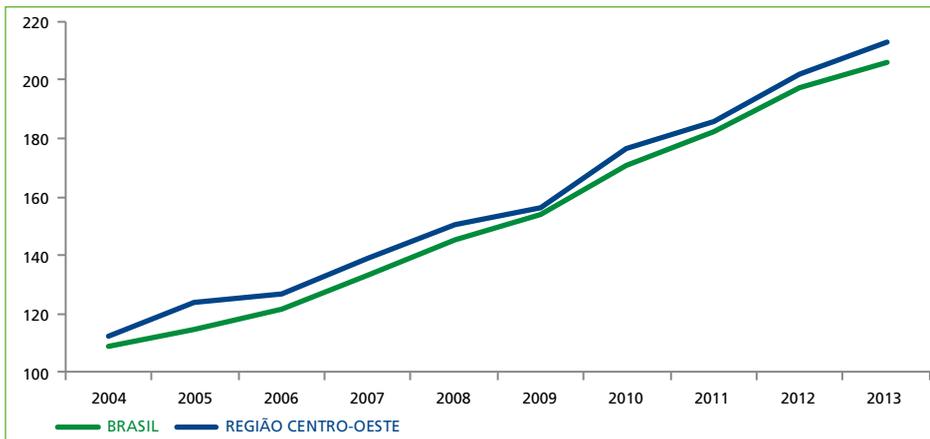
Conforme demonstra o Gráfico 6, nos últimos dez anos, as vendas do comércio varejista no Centro-Oeste acompanharam a tendência brasileira, crescendo, porém, sempre acima da média nacional. Como consequência, a participação da região no valor adicionado pela atividade comercial no país passou de 7,3% para

⁵ A região conta com cerca de 14 milhões de habitantes, o que corresponde a 7,4% da população do Brasil, segundo o IBGE – Censo Demográfico 2010.

⁶ Percentual de pessoas na população total com renda domiciliar *per capita* inferior à linha de pobreza.

9,1% entre os anos de 2002 e 2011, segundo dados do IBGE – Contas Regionais do Brasil.

GRÁFICO 6 Índice de base fixa do volume de vendas do comércio varejista – Brasil e Região Centro-Oeste (2002=100)



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio (PMC).

Nota: O indicador regional foi obtido por meio da média dos índices dos estados publicados pela PMC, a qual foi devidamente ponderada pelo Valor Adicionado Bruto dos Estados (Contas Regionais do Brasil). Para os anos de 2012 e 2013, foram utilizados os ponderadores de 2011.

Em meio a esse processo de expansão, a AI apoiou diversos projetos de estabelecimentos comerciais e de serviços. Nos últimos dez anos, por meio do Departamento de Bens de Consumo, Comércio e Serviços e do Departamento de Economia da Cultura, a AI desembolsou cerca de R\$ 435 milhões para essas atividades na Região Centro-Oeste. Tais recursos foram investidos em diversos municípios, com vistas à implantação, ampliação e reforma de hipermercados, supermercados, drogarias, livrarias, lojas de departamentos, magazines, lojas especializadas em artigos esportivos, roupas, produtos de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos. Foram empregados também em projetos de *shopping centers*, como o Iguatemi, o ParkShopping e o Taguatinga no DF, e em empreendimentos hoteleiros nos municípios de Campo Grande e Cuiabá.

Considerando que não há razão para imaginar, em um futuro próximo, uma sensível deterioração do quadro econômico da região, as perspectivas para as atividades comerciais e de serviços desenvolvidas em seu território são positivas. Uma evidência desse fato é a reformulação da estratégia das grandes redes de comércio e do setor de *shopping center* que, reconhecendo a força do mercado consumidor do interior do Brasil, vem elegendo as cidades médias e as capitais das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste como lócus privilegiado para seus projetos futuros de expansão.

Cultura

Há quase duas décadas o BNDES apoia a cultura brasileira, com recursos reembolsáveis e não reembolsáveis de forma direta e indireta. O apoio ao Centro-Oeste concentra-se em projetos de patrimônio cultural, com recursos não reembolsáveis, como os de preservação do patrimônio histórico e de acervos arquivísticos, bibliográficos e museológicos.

Dentre esses últimos, destaca-se o projeto “Imagens da Memória – Preservação da Cultura dos Povos Indígenas Brasileiros”, de preservação e acesso à coleção audiovisual do indigenista Jesco von Puttkamer, do Centro Cultural Jesco Puttkamer, uma instituição mantida pela Sociedade Goiana de Cultura da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Considerado o maior acervo audiovisual do mundo sobre a história dos povos da Amazônia,⁷ seus principais doadores foram pesquisadores, documentaristas, fotógrafos e cinegrafistas

⁷ Sabe-se da existência de outros acervos que abordam de forma ampla a temática indígena na Região Amazônica, como o da Fundação Nacional do Índio (Funai) e do Museu do Índio. Todavia, o acervo Jesco von Puttkamer destaca-se pelo ineditismo e a raridade, não só pela amplitude dos registros (são 62 povos retratados), e também pelo extenso período ininterrupto de pesquisa, de 1957 até 1994. Sua relevância se comprova com seu reconhecimento pela United Nations Organization for Education, Science and Culture (UNESCO) como patrimônio nacional e, depois, como patrimônio da América Latina e Caribe.

que estiveram presentes como colaboradores da instituição por longos anos, inclusive a coleção de Jesco von Puttkamer.

Será executada a digitalização de imagens fixas inéditas resultando na produção de matrizes digitais em alta resolução, disponíveis ao público por meio de um *software* de gerenciamento totalmente desenvolvido no Brasil. Esta ferramenta possibilitará a busca de qualquer trecho de imagens fixas e em movimento a partir de *drives* de leitura do material e robótica de armazenamento, com rapidez e segurança de acesso.

Outra inovação no processo será a participação efetiva de representantes de grupos indígenas para o enriquecimento do conteúdo dos dados catalogados. A participação não só contribuirá para a qualidade das informações inventariadas como também subsidiará essas comunidades no esforço de preservação e fortalecimento de suas tradições, além de resgatar a partir das imagens e sons do acervo, elementos rituais e culturais já perdidos.

Turismo

Na Região Centro-Oeste, o turismo de negócios predomina sobre os demais, uma vez que a maior parte dos viajantes que se dirige para a mesma tem como destino o Distrito Federal⁸ – unidade da federação onde as atividades relacionadas à administração pública geram demanda turística superior à proveniente do seu rico patrimônio cultural e arquitetônico. Por outro lado, os ativos naturais do Centro-Oeste colocam em perspectiva o desenvolvimento de práticas relacionadas ao ecoturismo – segmento de atividade que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, que incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.

⁸ Segundo dados do Ministério do Turismo, em 2012, o Distrito Federal respondeu por 65,9% do total de desembarques de voos domésticos na Região Centro-Oeste e por 99,7% dos internacionais.

O Brasil é internacionalmente reconhecido como um país de grande potencial para a prática do ecoturismo. Segundo World Economic Forum (2011), apesar de não se posicionar bem no índice geral de competitividade turística (52ª posição no *ranking* global), o país ocupa a primeira colocação do *ranking* de potencial turístico baseado em riquezas naturais.

Se a biodiversidade destaca o Brasil em termos mundiais, a existente no território do Centro-Oeste o coloca em condição privilegiada. A região abriga parte de três grandes biomas existentes no país, a saber, o Bioma Amazônia, Cerrado e o Pantanal – este último reconhecido como Patrimônio Natural da Humanidade desde 2000. Nesses ambientes, localizam-se áreas onde as belezas naturais vêm atraindo crescente interesse de turistas, como a região de Bonito-Serra da Bodoquena (MS) e os Parques Nacionais do Pantanal (MT), da Chapada dos Guimarães (MT), da Chapada dos Veadeiros (GO) e das Emas (GO). Não obstante, estatísticas apontam que o quadro atual do turismo de lazer no Centro-Oeste encontra-se aquém de seu potencial.

Segundo o Ministério do Turismo, no ano de 2012, a Região Centro-Oeste (exclusivo o DF, onde prevalece o turismo de negócios) foi responsável por apenas 0,01% dos desembarques internacionais de passageiros no país, e por 4,4% do total de desembarques nacionais. Estatísticas sobre o emprego no setor turístico são igualmente sugestivas. Segundo Ipea (2013), os estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul responderam, no ano de 2011, por apenas 4,3% do total do emprego formal em Atividades Características do Turismo (ACT)⁹ do país.

A despeito dessa conjuntura as expectativas para o turismo na região são positivas. A exposição das belezas naturais do Brasil durante os grandes eventos esportivos pelo país (Copa do

⁹ Segundo Ipea (2013), as ACT incluem atividades de alojamento; alimentação; transporte terrestre; transporte aquaviário, transporte aéreo; locação de automóveis; agências de viagens; cultura; e lazer.

Mundo de 2014 e Olimpíada de 2016), associada ao crescente interesse por atividades esportivas e contemplativas em meio à natureza, sugere que nos próximos anos a prática do ecoturismo no país deverá se expandir. Para se beneficiar economicamente desse processo, sem comprometimento de seus ativos ambientais, a infraestrutura turística do Centro-Oeste demandará investimentos voltados a sua ampliação e modernização. Para fazer face a esse desafio, o BNDES dispõe de diversos produtos que poderão dar suporte ao desenvolvimento sustentável das atividades turísticas na região. Para o caso da infraestrutura hoteleira, por exemplo, há o BNDES Finem – Comércio e Serviços, um produto que estimula empreendimentos ambientalmente sustentáveis, já que prevê a redução de taxas em financiamentos de edificações que recebem certificado de eficiência energética.

A ATUAÇÃO DO BNDES E A EXPANSÃO DO SETOR SUCROENERGÉTICO NO CENTRO-OESTE

Ao contrário do que por vezes se imagina, o bioetanol de cana-de-açúcar faz parte da matriz energética brasileira há quase oito décadas. O uso do bioetanol como aditivo à gasolina foi introduzido no Brasil em 1931. Seu nível de mistura situou-se em torno de uma média de 7,5% até 1975, quando o primeiro choque do petróleo exigiu uma ampliação de seu uso, a fim de reduzir as importações de petróleo, o que culminou com a criação do Programa Nacional do Álcool (Proálcool).

Entre outras medidas, o Proálcool fixou metas de produção e paridades de preço entre o bioetanol e o açúcar, de forma a incentivar a oferta do produto. Em 1979, em razão de novo aumento de preços do petróleo, o Proálcool foi ampliado, com o estabelecimento de estímulos para o uso de bioetanol hidratado em motores adaptados ou especialmente fabricados para tal. Como consequência, a produção de bioetanol cresceu de 0,6 bilhão de litros em 1975 para quase 12 bilhões de litros em 1985 [BNDES e CGEE (2008)].

A partir de 1986, com a redução continuada dos preços do petróleo, os incentivos estatais à produção e ao consumo de bioetanol foram sendo gradativamente retirados, o que foi concluído apenas em 1999. Nesse novo contexto, os preços do bioetanol passaram a ser negociados livremente entre distribuidoras e produtores. Continuou em vigor, porém, o mandato oficial de mistura do bioetanol anidro à gasolina, que atualmente se situa em 25%. Como resultado, a produção brasileira manteve-se relativamente estagnada até 2004.

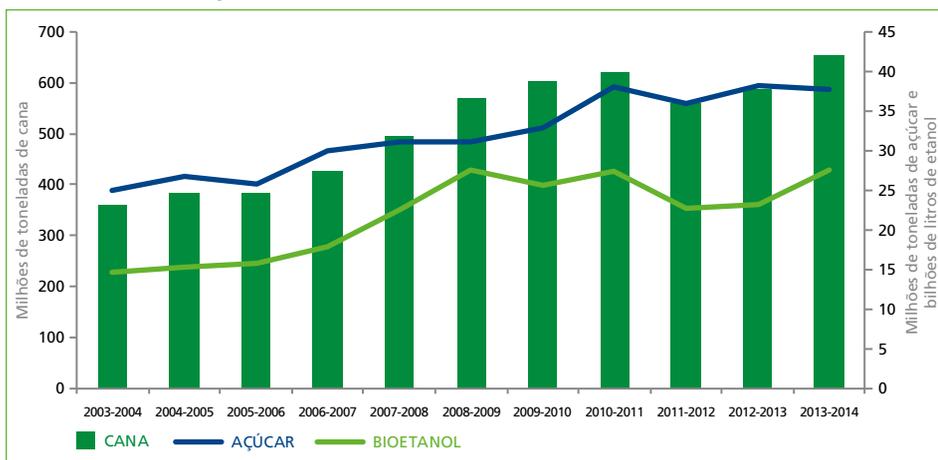
Contudo, com o advento dos motores flexíveis, em meados de 2003, acrescentou-se um importante estímulo para o setor. Em função de sua rápida popularização, os veículos flexíveis atingiram rapidamente quase 90% das vendas de veículos leves brasileiros. Como resultado, já há pouco mais de 20 milhões de unidades em circulação pelo país. Esse número representa mais de 60% da frota brasileira de veículos leves, o que gera uma grande demanda potencial por bioetanol.

Para atender à demanda potencial crescente, grandes investimentos foram realizados na última década. O setor sucroenergético, cuja moagem girava em torno de 360 milhões de toneladas de cana na safra 2003-2004, moeu 650 milhões de toneladas na safra 2013-2014. Esse crescimento de 80% na moagem refletiu-se em aumento dos volumes produzidos de açúcar e bioetanol que, respectivamente, cresceram 51% e 87% no mesmo período. Em termos de volume, foram produzidos 37,7 milhões de toneladas de açúcar e 27,5 bilhões de litros de bioetanol na última safra. O Gráfico 7 mostra a evolução da moagem de cana e da produção de açúcar e bioetanol na última década.

No mesmo período, foram construídas mais de cem novas usinas, das quais a maior parte entrou em operação na segunda metade da década passada. Esse novo ciclo de investimentos da indústria da cana não mais se restringiu às áreas tradicionais de produção, como o estado de São Paulo. Nos últimos dez anos, o

setor sucroenergético espalhou-se para outras regiões do Brasil, notadamente o Centro-Oeste, que passou a ser a nova fronteira de expansão agrícola da cana-de-açúcar.

GRÁFICO 7 Evolução da produção de cana-de-açúcar, bioetanol e açúcar entre as safras 2003-2004 e 2013-2014



Fonte: Elaboração própria, com base em dados disponíveis no site UnicaData.

Centro-Oeste: a nova fronteira agrícola

Como visto, entre as safras 2003-2004 e 2013-2014, foram acrescentadas 290 milhões de toneladas à moagem de cana do setor sucroenergético. Desse crescimento, cerca de 30% advieram de investimentos na Região Centro-Oeste. A Tabela 3 mostra a evolução da moagem de cana e dos volumes produzidos de bioetanol e açúcar nos estados do Centro-Oeste e no Brasil.

Com base na Tabela 3, pode-se observar que, quanto à moagem de cana, o crescimento da Região Centro-Oeste foi quase três vezes superior ao apresentado em todo o Brasil. Nesse mesmo período, o crescimento do volume produzido de bioetanol no Centro-Oeste superou em mais de três vezes o crescimento da produção nacional de bioetanol. Por sua vez, o volume de açúcar

produzido no Centro-Oeste teve crescimento 2,3 vezes superior ao crescimento da produção nacional dessa *commodity*.

TABELA 3 Evolução da produção de açúcar e bioetanol nos estados do Centro-Oeste

Produto	Estado	2003-2004	2013-2014	Crescimento no período (%)
Cana (em milhões de toneladas)	Goiás	13	62	377
	Mato Grosso	14	17	21
	Mato Grosso do Sul	9	41	356
	Total Centro-Oeste	36	120	233
	Total Brasil	359	653	82
Etanol (em bilhões de litros)	Goiás	0,6	3,9	550
	Mato Grosso	0,8	1,1	38
	Mato Grosso do Sul	0,5	2,2	340
	Total Centro-Oeste	1,9	7,2	279
	Total Brasil	14,7	27,5	87
Açúcar (em milhões de toneladas)	Goiás	0,7	1,9	171
	Mato Grosso	0,6	0,4	(33)
	Mato Grosso do Sul	0,4	1,4	250
	Total Centro-Oeste	1,7	3,7	118
	Total Brasil	24,9	37,7	51

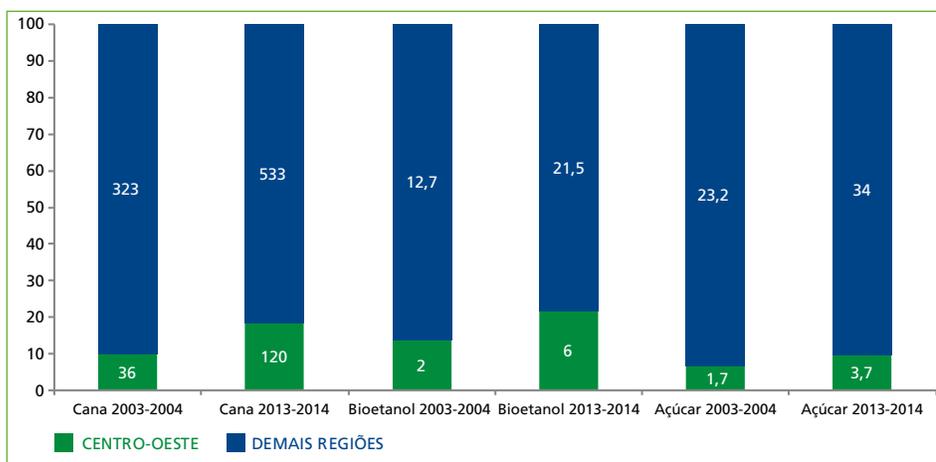
Fonte: Elaboração própria, com base em dados disponíveis no site UnicaData.

Como complemento, o Gráfico 8 mostra o aumento de participação da Região Centro-Oeste na moagem total do Brasil. Em uma década, essa participação aumentou quase duas vezes, o que alçou o Centro-Oeste ao segundo lugar no *ranking* das regiões que mais produzem cana no Brasil, superando o Nordeste e ficando atrás apenas do Sudeste.

É importante ressaltar que a mesma tendência é observada quando se leva em conta o volume produzido de bioetanol e açúcar. No primeiro caso, tanto o crescimento quanto a participação no total produzido no Brasil foram superiores aos indicadores referentes à cana. Já no segundo caso, os resultados foram inferiores aos observados na produção de

cana e de bioetanol. Essa situação deriva da geografia da Região Centro-Oeste que, por questões logísticas, tem vocação energética, ou seja, concentra-se na produção de etanol e de eletricidade. A produção de açúcar é maior nas regiões Sudeste e Nordeste, que estão mais próximas dos portos e, portanto, têm melhores condições para exportar.

GRÁFICO 8 Evolução da participação da Região Centro-Oeste na moagem de cana do Brasil (em %)



Fonte: Elaboração própria, com base em dados disponíveis no site UnicaData.

O apoio do BNDES à indústria sucroenergética da Região Centro-Oeste

O BNDES vem pautando sua atuação no setor sucroenergético por cinco diretrizes principais, quais sejam:

1. ampliação da capacidade de produção;
2. incentivo à inovação e ao desenvolvimento tecnológico;
3. potencialização de externalidades positivas;
4. estímulo à sustentabilidade socioambiental; e
5. contribuição para formação de um mercado internacional de bioetanol.

A primeira diretriz diz respeito à atividade precípua do BNDES, que é a de prover recursos de longo prazo para ampliação do nível de produção da indústria brasileira. O investimento no setor sucroenergético provoca relevantes impactos econômicos à jusante e o montante da cadeia de produção, o que justifica a prioridade que o Banco vem atribuindo ao tema. Nesse aspecto, a história recente do setor sucroenergético reflete-se na história do apoio do Banco ao setor. Com o significativo crescimento dos investimentos ao longo da última década, o BNDES também ampliou seu apoio, como evidenciam os dados da Tabela 4, que apresenta os desembolsos da AI e de operações indiretas (contratadas no BNDES via agentes financeiros) para o setor sucroenergético.

TABELA 4 Crescimento dos desembolsos do BNDES para o setor sucroenergético – Centro-Oeste e Brasil (em R\$ milhões)

	2004	2013	Crescimento (%)
Goiás	59	555	838
Mato Grosso	3	79	2.410
Mato Grosso do Sul	4	493	11.655
Centro-Oeste	66	1.127	1.594
Brasil	603	6.888	1.043

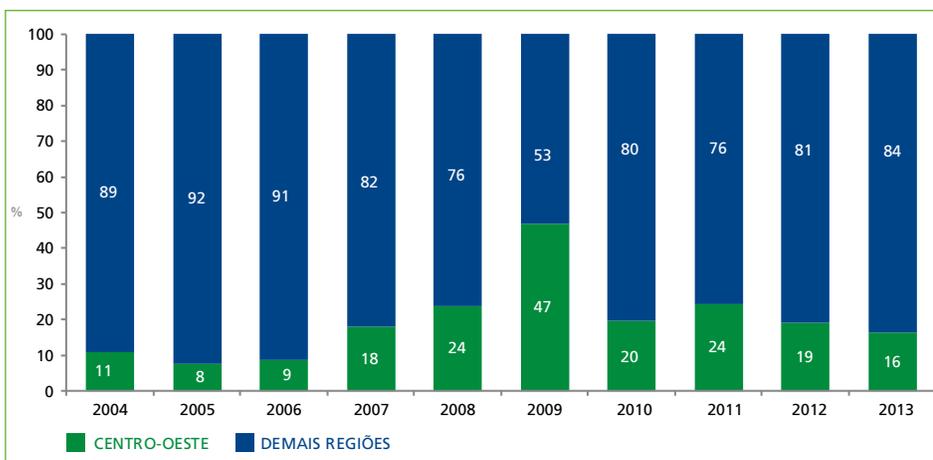
Fonte: BNDES.

Na verdade, o crescimento verificado foi ainda mais intenso do que o sugerido na Tabela 4. Na safra 2008-2009, momento em que os investimentos da indústria sucroenergética atingiam seu ápice, os desembolsos destinados a empreendimentos da Região Centro-Oeste foram de quase R\$ 3 bilhões. Quando esse valor é comparado com aquele desembolsado em 2003, nota-se um crescimento de 4.396%. Depois de 2009, tanto os desembolsos totais quanto os desembolsos para a Região Centro-Oeste apresentaram queda até 2012, recuperando-se em 2013.

Essa mesma inflexão pode ser verificada no Gráfico 9, quando são observados comportamentos distintos da participação

da Região Centro-Oeste nos desembolsos totais do BNDES para o setor. Até 2009, foram realizados enormes investimentos em novas usinas e em reformas e ampliações de usinas antigas. Contudo, a crise financeira de 2008-2009 gerou fortes impactos negativos no setor, que ainda estão sendo sentidos. Desde então, o setor retraiu os investimentos em ampliação de capacidade produtiva, afetando mais que proporcionalmente a Região Centro-Oeste, onde as novas usinas estavam sendo construídas.

GRÁFICO 9 Evolução da participação da Região Centro-Oeste nos desembolsos anuais do BNDES para o setor sucroenergético



Fonte: BNDES.

Para reverter esse cenário, ajudando a recuperar a competitividade setorial, o BNDES vem atuando de maneira proativa. Primeiramente, o apoio a investimentos em P&D tecnológico da agroindústria do etanol vem recebendo atenção crescente. Exemplos foram a criação do Programa Conjunto de Apoio à Inovação Tecnológica Industrial dos Setores Sucroenergético e Sucroquímico (PAISS) e do Programa Conjunto de Apoio à Inovação Tecnológica Agrícola do Setor Sucroenergético (PAISS Agrícola).

Em segundo lugar, vislumbra-se, para o curto e o médio prazo, a incorporação de novas biomassas à agroindústria da cana-de-açúcar, o que permitiria às usinas estenderem o tempo de processamento industrial para além da safra, que hoje chega a oito meses (de abril a novembro). Em diversas áreas do Centro-Oeste, por exemplo, há grande potencial para integrar o milho às usinas que processam a cana-de-açúcar. De fato, verifica-se forte compatibilidade técnica e econômica nessa integração, o que poderia aumentar sobremaneira a produtividade do bioetanol, bem como a atratividade de novos investimentos.

Por fim, vale mencionar dois programas setoriais que são os responsáveis pelo aumento dos desembolsos no último ano: o BNDES Prorenova e o BNDES PASS. Enquanto o primeiro destinou-se à renovação e à ampliação dos canaviais, o segundo financia a estocagem do bioetanol de modo a garantir o abastecimento do país na entressafra.

A edição 2013 do BNDES Prorenova teve desempenho aproximadamente 90% superior ao de 2012, alcançando uma carteira total de R\$ 2,7 bilhões em financiamento. Esse apoio foi responsável pela renovação de 431 mil ha de cana (37% superior a 2012) e pela ampliação da área plantada em 207 mil ha (138% superior a 2012). Dessa forma, o BNDES contribuiu para a recuperação da produtividade do canavial, que sofreu com adversidades climáticas nas duas últimas safras e com a baixa renovação, decorrente da crise financeira pela qual as usinas vêm passando. Essa contribuição é vital para as unidades do Centro-Oeste, onde os novos empreendimentos enfrentam condições edafoclimáticas desfavoráveis, consideravelmente diferentes daquelas encontradas no Sudeste.

O BNDES PASS, por sua vez, teve desempenho bem acima das edições anteriores. Com orçamento total de R\$ 1 bilhão, esse programa contratou cerca de R\$ 970 milhões em 2013, ou 97% do total disponível. Na edição de 2012, por exemplo, enquanto o orçamento do programa foi de R\$ 2,5 bilhões, sua carteira atingiu

apenas R\$ 135 milhões. O BNDES PASS também tende a ter maior importância para as usinas do Centro-Oeste que, como visto, estão focadas na produção de etanol e energia elétrica.

Em síntese, em meio a essas mudanças estruturais na organização industrial do setor sucroenergético e às vicissitudes conjunturais dos últimos anos, o BNDES vem moldando sua atuação setorial, especialmente no que se refere à recuperação da competitividade setorial. Se bem-sucedidas em seu conjunto, essas ações do BNDES contribuirão significativamente para a retomada dos investimentos do setor, os quais deverão ocorrer na nova fronteira de expansão agrícola: o Centro-Oeste brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda marcada por fortes raízes em atividades agrícolas, a Região Centro-Oeste vem paulatinamente construindo as condições que poderão determinar sua transição para uma economia baseada na indústria e em serviços complexos.

Atraída, a princípio, pelos ganhos de produtividade da agricultura, a indústria processadora de alimentos instalou-se em pontos estratégicos do Centro-Oeste e contribuiu para a dinamização de seu mercado de trabalho. Mais recentemente, em função de fatores como seu robusto crescimento econômico e a concessão de incentivos fiscais, a região tem se mostrado competitiva para a atração de investimentos de uma diversidade de atividades. Entre elas, encontram-se indústrias tradicionais de bens de consumo, setores difusores de progresso técnico, a exemplo das indústrias farmacêutica e automotiva, e atividades estratégicas para o país, como a produção de biocombustíveis.

À medida que esse processo se aprofunda, a possibilidade de adensamento de cadeias produtivas na região torna-se mais evidente. Nesse sentido, caso o ciclo virtuoso de desenvolvimento da região persista, é de se esperar que, em um futuro próximo, ela também se mostre competitiva para abrigar empresas de setores

como o de bens de capital (sobretudo voltadas ao agronegócio), de fertilizantes e de autopeças, tornando sua economia não apenas mais complexa como também mais propensa a inovar.

A região conta também com peculiaridades que poderão contribuir para o seu desenvolvimento econômico. Seu rico patrimônio cultural e arquitetônico ainda é relativamente pouco explorado pela indústria do turismo. A biodiversidade presente em seu território lhe confere oportunidades ímpares para a prática do ecoturismo e para a obtenção de insumos de alto valor agregado para a indústria de produtos de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos. Os atributos urbanos de Brasília – como o elevado padrão educacional de sua população, a qualidade da sua infraestrutura de ensino e de comunicação, associados ao grande poder de compra do aparato público lá instalado – constituem-se terreno fértil para sua consolidação como base de exportação de serviços empresariais intensivos em conhecimento (Seic)¹⁰ para a indústria do Centro-Oeste.

Por outro lado, desenvolver no Centro-Oeste uma estrutura produtiva diversificada, inovadora, integrada às cadeias e mercados nacionais e internacionais vai depender também da apropriada oferta de crédito e de investimentos que garantam a melhoria de sua infraestrutura de transportes, de comunicação e do nível educacional de sua população. Além de dispendiosa e complexa, a implementação dessas tarefas depende, em grande medida, da ação e da interlocução de diversos atores públicos e privados.

Entre eles está o BNDES, que por meio de seus diversos departamentos busca contribuir para o desenvolvimento dos espaços regionais do Brasil. Nesse sentido, a AI cumpre um papel estratégico. Sua visão prospectiva invariavelmente resulta na criação de instrumentos financeiros que viabilizam investimen-

¹⁰ Cada vez mais reconhecidos como estratégicos, dada a capacidade de fomentar a inovação, a produtividade e a agregação de valor aos produtos das atividades industriais, os Seic são formados por serviços como as TIC, os serviços tecnológicos, de engenharia, de *design*, de *marketing* etc.

tos voltados à ampliação da competitividade setorial e regional. Como visto neste trabalho, a economia do Centro-Oeste vem se beneficiando desse processo – o exemplo mais contundente é a recente onda de modernização de sua agroindústria sucroenergética, viabilizada por programas como o PAISS, o PASS e o Prorenova. Em um futuro próximo, esses benefícios deverão se ampliar. Para superar os obstáculos à modernização e diversificação da indústria do Centro-Oeste, os agentes locais poderão contar como o apoio das diversas linhas gerais de financiamento do BNDES, além de programas com foco específico, como o Proengenharia, o Prosoft e o Prodesign.

REFERÊNCIAS

- ABES – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE SOFTWARE. *Mercado brasileiro de software – panoramas e tendências 2013*. São Paulo, 2012.
- ANFAVEA – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS FABRICANTES DE VEÍCULOS AUTOMOTORES. *Anuário da indústria automobilística brasileira*. São Paulo, 2014.
- BNDES – BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL;
CGEE – CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS (org.). *Bioetanol de cana-de-açúcar: energia para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: BNDES, 2008. Disponível em: <<http://www.bioetanoldecana.org/>>. Acesso em: 2 jul. 2014.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Programa de Disseminação de Estatísticas do Trabalho (PDET): Bases estatísticas Rais/Caged*. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/portal-pdet/>>. Acesso em: 10 set. 2014.
- _____. Ministério do Turismo. *Dados e fatos – estudos, pesquisas e dados do setor de turismo*. Disponível em: <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/home.html>>. Acesso em: 10 set. 2014.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Contas regionais do Brasil 2011*, 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/contasregionais/2011/default.shtm>>. Acesso em: 25 mai. 2014.
- _____. *Pesquisa Industrial Anual 2011*. Rio de Janeiro, v. 30, n.1, 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/pia/empresas/2011/defaultempresa.shtm>>. Acesso em: 10 set. 2014.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS. *Indicadores básicos do emprego no turismo para o Distrito Federal, Região Centro-Oeste e Brasil*. Acordo de Cooperação Técnica CODEPLAN/IPEA 23/2009, Relatório 3B, Brasília, 2013.

KUTNEY, P. Caoa inaugura linha do Hyundai ix35 em Anápolis. *Automotive Business*, 17 out. 2013. Paginação irregular. Disponível em: <<http://www.automotivebusiness.com.br/noticia/18227/caoa-inaugura-linha-do-hyundai-ix35-em-anapolis>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

SABÓIA, J. A continuidade do processo de desconcentração regional da indústria brasileira nos anos 2000. *Nova Economia*, n. 23(2), Belo Horizonte, 2013.

SILVA, C. Mitsubishi brasileira vai investir em fábrica de motores em Goiás. *O Estado de S.Paulo*, 28 abr. 2011. Paginação irregular. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,mitsubishi-brasileira-vai-investir-em-fabrica-de-motores-em-goias-imp-,711805>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

WORLD ECONOMIC FORUM. *The travel & tourism competitiveness report 2011*. Genebra, 2011.